

Artes Visuais

Charoux e suas criações

“As linhas puras, retas ou curvas, simplesmente linhas, sós, paralelas, concêntricas, cruzadas, horizontais ou verticais, são notadas desde os primeiros trabalhos e são cada vez mais nítidas e evidentes à medida que a mutação vai deslocando e despojando a obra de suas (de Charoux) figuras... A partir de 1945, quando pintou o retrato de Marcello Grassmann, passando pela “Trueteia” e “Abstração” de 1948, pelo geométrismo trabalhado a mão livre de 1950, pelo abstracionismo geométrico mais depurado e pela linha quase nua que atingiu em 1962, ainda sem os recursos da régua e do traçado, foi Charoux, tudo é unidade coerentemente fiel a seu traço à linha que amarra num só volume 30 anos de arte”.

Fernando C. Lemos, Artes Visuais (17/11/1974)

Lothar Charoux, 64 anos, austríaco naturalizado brasileiro, entre nós desde 1922, sobrinho de Siegfried Charoux — conhecido escultor vienezense — casado com paulista de 400 anos (Ondina Ribeiro Bueno), pai de três filhos, ex-industrialista, continua fiel à sua arte sensível e pessoal “rigorosamente artesanal”, como quer o crítico e editor da MAC, Walter Zanati. Charoux não pára nunca, nunca parou em suas criações correntes e extensas.

Em 1939/40 terminou o curso de desenho arquitetônico no Liceu de Artes e Ofícios, onde foi aluno de Waldemar da Costa, que, logo depois, ainda estudante não formado, substituiu na cadeira de Desenho. Era então desenhista figurativo e seus desenhos exibidos nos MAM de S. Paulo e Rio em suas recentes retrospectivas e estudos cuidadosamente guardados no seu ateliê do Alto da Lapa. São desenhos lineares, de rigor cartésiano. Alguns deles eram quadrados, não estáticos, dando “movimentação” e efeitos dinâmicos a cada trabalho.

Desenhando a figura humana, o figurativo formal, acadêmico, Charoux aprendeu pintura no ateliê de seu antigo mestre Waldemar da Costa, até 1944, já exposto no Rio e em S. Paulo. Data de então o início da abstratização de sua produção, embora patricamente assistido de diversos salões e de coletivas de arte moderna.

Em 1950/51 começou a expor seus desenhos geométricos em coletivas e faz parte do movimento “Ruptura”, com W. Cordeiro, Flaminio Piccoli, Sacilotto, Vaghi, Mauro Nogueira Lima e outros. Na exposição organizada por esses pioneiros, expôs um quadro totalmente geométrico.

Em 1956 e 1957 participou no Rio e em S. Paulo, do I Salão Nacional de Arte Concreta, entre outros desenhistas e pintores. Em 1958, em Arbigou também os poetas concretistas Décio Pignatari, Augusto e Haroldo Campos etc. De lá para cá, foi e coerente sempre próprio, nunca abandonou o exercício criativo da arte geométrica, seja ela op. minimal, concretismo e/ou suas variações. Charoux é Charoux, sempre, em salões ou Bienais, individuais ou coletivas. Cada próxima retrospectiva e a Bienal não lhe fez justiça com um prêmio principal, embora no XII Bienal, ganhe o Prêmio Exposição de Hamarati, e, no XII e no XIII, figure com salões especiais.

Hoje o velho, bonachão e saquinho de artista, sempre expõe em reuniões sociais, as vernissages festivas e a participação ativa nos movimentos da classe artística continua trabalhando com vigor, a mesma qualidade e a pesquisa consistente de sempre. Nos últimos tempos, Charoux tem feito grossos rolos de desenhos, que por ser visto entrando em museus, galerias, pinacotecas e indústrias, onde procura sempre expor e defender suas últimas criações, ideias que teve e pôs no papel, inventos de sua arte abstrata, em balcão, em tela e variada. Uma arte múltipla em sua expressão e que pode ser democratizada como fim último ao primeiro. Esse “velho” Charoux que vai expor em Milão, em maio, fora depois outra exposição em Brasília, no Centro Cultural do Distrito Federal, e, no fim do ano, levará sua arte ao México. Além de coletivas aqui e ali, que Lothar Charoux não recusa, convite. LEMK.

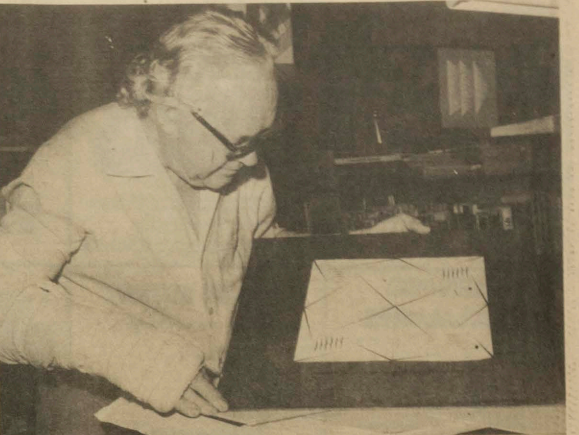
Quem patrocina essa exposição de um quadro só?

AV—Charoux, o que são essas últimas criações suas?

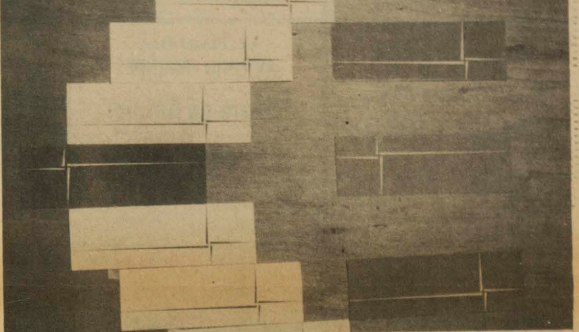
LC—“O quadronico-multiplicado permite ao possuidor uma ‘disposição variada e múltipla, em diversas composições, em qualquer ambiente, à vontade do comprador. Quanto aos azulejos-multiplicados-bianais, podem ser dispostos em diferentes posturas, desenhos e cores, também à vontade do comprador, não utilizamos em chãos, halls, paredes, escritórios, tetos, salões, murais e outras aplicações”.

AV—“Como ‘bolso’ essas obras?”

LC—“Pelo simples fato de alguém fazer algo, seja lá o que for e mostrar este ‘feito’; já é fazer outro ou outro participar. E mesmo quando os outros rejeitam o ‘feito’ é participação, participação negativa. E não há esse princípio de fazer os outros parti-



Charoux (de braço quebrado) examina 4 de seus azulejos múltiplos



Uma composição de 10 peças de um quadro só multiplicado de Charoux

cipar, o mais possível, é que comece a fazer quadros assimétricos, tornando-os “legíveis” em qualquer posição, isto é em pelo menos quatro posições?”.

AV—“O BIANAL apresentou dois painéis de azulejos de 20 x 20 e que possibilitaram expandir para fora do painel os nove azulejos. Eram 9 como podiam ser 16 ou 25 ou outro número qualquer?”.

O que havia de original no desenho dos azulejos é que cada qual compunha o seu painel, diferente dos outros. Portanto havia e há uma participação direta do observador.

AV—“Parti para quadros maiores de 70 x 100 com variações sobre o mesmo tema, que expus na Bienal. Bienal, na minha retrospectiva no MAM de São Paulo e do Rio de Janeiro e que funcionavam bem em duas posições, vertical e horizontal. Depois parti para um painel colocado por baixo de uma chapa de vidro, o que é fácil para um museu ou boa galeria. Ou então colado num placa de Eucatex ou protegido por uma placa de acrílico (como faz o Mario e Guilmi) ou então aplicada a serigrafia diretamente no verso dum chapa de acrílico de 1 cm ou então fundo dentro de políester.”.

AV—“Como é apresentado o quadronico-multiplicado?”

LC—“Um quadro só multiplicado por 100, 200, 300, 400, 500 ou 1000 pode ser feita de várias maneiras, desde a simples reprodução em papel colocado por baixo de uma chapa de vidro, o que é fácil para um museu ou boa galeria. Ou então colado num placa de Eucatex ou protegido por uma placa de acrílico (como faz o Mario e Guilmi) ou então aplicada a serigrafia diretamente no verso dum chapa de acrílico de 1 cm ou então fundo dentro de políester.”.

AV—“E há mais, à parte haveria um painel de 100 x 100 ou medida aproximada maior ou menor, painel de ferro ou aço com uma reprodução dos mesmos quadros (99 x 33) para que qualquer um

podesse fazer novas composições. Cada uma das pedrinhas seria fundida em políester em 4 milis no verso, facilitando assim o manuseio nas horas de relax. As peças originais de 99 x 33 teriam no verso também inás caso a tela grande fosse de ferro ou aço.”.

AV—“Por que a acusação havida de plágio dessa obra?”

LC—“Quando tive a ideia de entortar os quadros, criando assim um desequilíbrio que seria desfeito por uma ou várias linhas verticais ou horizontais pensei em ter criado um impacto tremendo nos observadores, mas qual, um ou outro mexia nos quadros para indiretamente pensar que se tratava de um desequilíbrio ou simplesmente num relacionamento do pintor. Bem, de uma certa maneira estava participando. Por uma coincidência incrível, um holandês apresentava o mesmo problema na mesma ocasião, no BIANAL. Al surgiu a questão que tem dado motivo de muitas discussões em todo o mundo — O PLÁGIO. Voltará mais a aparecer esse ou aquele, artista crítico ou simples mortal lançando a acusação de que se impressionou ao ponto de se aproximar da obra admirada, mas na maioria dos casos trata-se de pura coincidência, como neste caso acima referido, pois nenhum dos dois, o holandês ou eu tínhamos conhecimento um da existência do outro. Quando se acusa alguém de ter plagiado obra, mundialmente famosa, é simplesmente ridículo ou então de má fé, pois ninguém seria ingenuo de praticar semelhante estupididade. Realmente pode haver ocasiões que há semelhanças intrigantes entre duas obras feitas por duas pessoas diferentes, mas isso é perfeitamente explicável quando se trata de artistas (ou cientistas ou outros profissionais) que camin-

ham no mesmo sentido, procurando soluções semelhantes. Um quadrado, um círculo ou um triângulo é a mesma coisa em toda parte do mundo, embora muitos procurem encontrar soluções ligeiramente diferentes, seja em Paris, Nova York, São Paulo, Xingó ou alhures. É assim em toda e qualquer atividade humana, até na de difamar.”.

AV—“Qual a viabilidade do seu múltiplo?”

LC—“O múltiplo, hoje em grande moda e de uma certa maneira explícita, como sucesso que é, pela possibilidade que dá a um grande número de pessoas de manejar um objeto que antes era inatingível, uma peça de propriedade particular, uma peça de Museu. A arte democratizou-se. A gravura (que não passa de um múltiplo) mantinha uma certa posição de distinção e ainda mantém em relação à serigrafia que tomou conta do público em geral. Dal também, no presente momento pelo menos, de uma certa depreciação. Por mim, sou pelo múltiplo em todas as suas variantes, embora não desprezo os originais quando peço.”.

AV—“Voltando à ‘EXPOSCAO DE UM QUADRO SO’ e ao painel desse mesmo quadro, ou de outro, já que há uma escolha entre dezenas deles, estou procurando o local adequado, que tem que ser grande para mostrar as inúmeras possibilidades de compor. O patrocinador que tem que ser necessariamente um banqueiro, industrial ou dono de um grande hotel que comporte a aplicação dos quadros e suporte as despesas decorrentes, que podem ser regulares ou grandes dependendo da maneira de execução. Mas mesmo considerando a despesa grande, não é tão grande para que não possa ser feita.”.



Grassmann e suas visões, na Pinacoteca

Aracy: novos caminhos da antiga Pinacoteca

—“O ponto positivo da Pinacoteca do Estado é ser ela fundamentada numa coleção de arte brasileira: esse fato já aponta uma direção para suas atividades. Direção que pretendo imprimir às programações previstas: a apresentação da arte do Brasil, passado e presente, o estímulo pela pesquisa dessa arte, sobretudo naquele período que caracteriza a coleção da Pinacoteca, ou seja, a arte de fins do século e início deste, assim Aracy Amaral define sua linha de ação no trabalho que está iniciando na Pinacoteca do Estado.

AMÉRICA LATINA

“Uma área, contudo, terá a minha atenção” — prossegue — a arte na América Latina. Não creio que isso represente contradição com a linha de enfoque de arte no Brasil, mas é antes uma decorrência, pois gostaria de poder apresentar artistas e movimentos que ocorram no continente em que o Brasil se insere, e que já há alguns anos me interessam de forma particular. Espero, para isso, poder contar com os contatos já existentes nos centros artísticos da América Latina.”.

CENTRO CULTURAL

“Como atrair os jovens para a Pinacoteca?” eis a pergunta que Aracy Amaral se fez a partir do momento em que assumiu a direção da entidade. — “O desafio era a grande coleção de arte de fins do século e início deste e o muito material de arte plástica contemporânea do Brasil, lacuna que necessitará ser preenchida aos poucos para que a Pinacoteca possa apresentar a todo visitante um panorama completo da arte de nosso País”. Enquanto isso considero que a melhor solução seja atrair os jovens para a pesquisa exatamente desse período (1870 até 1930 em particular), com cursos e estímulos à investigação, e fazê-los frequentar a Pinacoteca não apenas por seu acervo de artes plásticas como de atividades culturais em geral”.

TEATRO, CINEMA, CORAL

Assim, já estão sendo feitos contatos para espetáculos regulares na arena da Pinacoteca — que deverá contar com uma cúpula ainda a ser projetada — sessões de cinema retrospectivo especialmente do Brasil, que serão apresentadas em uma grande sala-auditorio — que não foi objeto ainda de reforma até o presente dia, projetos esses alvo da atenção do secretário de Cultura, José Mindlin.

—“A missão também foi cogitada, no sentido de podermos contar, dentro em breve, com um coral de 40 vozes, regido por Fábio Cintra. Alí, a ideia foi exatamente de reunir num coral vozes sobretudo dos bairros circunvizinhos, ou seja, Luz, Bom Retiro e os demais servidos pelo metrô que pára na esplanada da Pinacoteca, na Estação Luz.”.

MEMÓRIA DE WEY

—“Faz um ano exatamente”, prossegue Aracy Amaral, “desapareceu Walter Wey, o diretor que empreendeu a gigantesca reforma da Pinacoteca, que aliou substancialmente sua imagem, transformando-a frequentemente num ambiente agradável, com obras realmente conservadas e restauradas, num espaço incrível para a reabertura ao público da Pinacoteca. Tenho a certeza de que foi exatamente a sua ação que possibilitou em muito tornar agora esse espaço apto a receber uma atividade viva, no sentido museológico mais atual. Alí, esse era o intuito de Walter Wey: transformar a Pinacoteca num museu atual”.

Diz ainda Aracy: “É curioso, porém, há também uma continuidade nas atenções de Walter Wey pela América Latina, e pelas míltas

Arteterapia em Salvador

A professora e crítica de artes visuais Radha Abramo e a psicóloga Maria Margarida de Carvalho farão, durante duas semanas, uma demonstração de Arte-terapia — que exercem em S. Paulo — para psicólogos e professores do Instituto de Psicologia “Personas”, de Salvador.

Radha Abramo proferirá também três aulas sobre História da Arte em Instituto da Universidade da Bahia, especialmente convidada.

RECOMENDAMOS: José Claudio, marinhos 45 óleos, organização de Renato Magalhães Gouveia, Jequitim, Mar, Curitiba; Memória Fotográfica, litografias de S. Paulo (1860 — 1940) focalizando o homem no rio, Museu de Imagem do Son, Metrô São Bento; Retrospectiva de Lázaro Segall, desenhos e gravuras (dando nota expost.), Museu Lázaro Segall; Marcelo Matzke, desenhos, óleos e aquarelas, Galeria Global; Considerações sobre o escultor e o objeto no Brasil, palestra de Olívio Torres de Azevedo, dia 12 horas, Museu de Arte Moderna.

ARTES VISUAIS: Lúis Ernesto M. Kowall, autor; Fernando C. Lemos, redator; Jair de Oliveira, diagramador.



Wey lembrado pelo novo diretores (desenho Mobe, Montevidéu, 1951)

pesquisas sobre a arte no continente, pois ele, como adido cultural do Brasil, viveu longos anos no Paraguai, no Uruguai e no México, tendo sido um entusiasta da arte latino-americana, de que era, inclusive, colecionador”.

NOVAS ATIVIDADES

A Pinacoteca já apresenta inovações neste mês de fevereiro: uma sala de arte contemporânea, sobretudo obras dos anos 60, e duas salas de exposições temporárias abertas ao público com uma mostra de 65 gravuras de Marcello Grassmann (xilos, e água-fortes). À entrada da Pinacoteca, o “Viloteiro”, grande pioneiro dessa atividade, orientamento didática, foi o Museu Nacional de Belas Artes, sob a direção de Elisa Carrzoni”, afirma Aracy, “que já o realiza com êxito há quatro anos”.

Nesta semana que findou já se deu seu início ao Curso de Desenho Livre com Modelo Vivo, aberto a todos os interessados, todas as 5ªs feiras, das 16 às 18 horas, sob a orientação de Gregório Gruber Correia: “Foi uma surpresa maravilhosa, pois cogitamos de um número limite de 40 alunos e surgiram mais de 70 nesta primeira 5ª feira. Lugares precisaram ser improvisados, o que não permitiu a concentração geral. Mas, de qual forma, foi muito além de nossa expectativa”. Isso dá bem uma ideia do interesse pela iniciativa”.

PELO INTERIOR

—“O Secretário de Cultura José Mindlin se interessa particularmente por exposições que possam ser também exibidas no interior do Estado, e assim a Pinacoteca deverá dentro em breve preparar-se para mostrar circunlaes pelas maiores cidades do Estado”.

—“Qual a primeira exposição em vista na Pinacoteca?”

—“A primeira programada será o X Salão de Arte Contemporânea de Campinas, que, ao inverso, é uma exposição do interior — Exposição e Debate — que se inaugurará com doze artistas de todo o Brasil, na segunda quinzena de março na Pinacoteca”, inclui Aracy Amaral.



Uma das aquarelas de Guyer

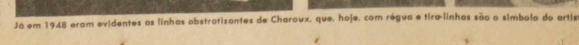
Guyer expõe na Seta

José Guyer Sales, paulista de 1942, radicado em Nova York, onde leciona, em várias escolas, as técnicas da gravura em metal e litografia, está em S. Paulo e fará uma individual na Galeria Seta (inauguração terça-feira, às 21 horas). Sua exposição — de 9 aquarelas e uma gravura — permanecerá aberta de 11 a 28 de fevereiro.

—“Pintei essas aquarelas — disse o artista — em Nova York, no verão do ano passado, onde este fosse carregado de significado em contraposição ao caótico que eu sentia na minha experiência de vida.”

“Na ocasião ocorrem serem como exvotos de um processo de busca de uma posição em minha relação ao mundo exterior, onde este fosse carregado de significado em contraposição ao caótico que eu sentia na minha experiência de vida.”

“A técnica foi surgindo conforme as necessidades das ideias, as duas ligadas como gelo e água”.



Jo em 1948 eram evidentes as linhas abstratizantes de Charoux, que, hoje, com régua e fio-linhas são o símbolo do artista